

CONTRIBUIÇÕES DA INTELIGENCIA EMOCIONAL NO E PARA ALÉM DO AMBIENTE ESCOLAR

Rafaela Patrícia de Godoi¹

Maria Cecilia Martínez Amaro Freitas²

Resumo

A presente pesquisa analisa a importância que a inteligência emocional exerce no processo de ensino e aprendizagem da criança, definindo e compreendo como se caracteriza a inteligência emocional, explicando a necessidade de a criança aprender a lidar com as próprias emoções, bem como identificar a forma com que a inteligência emocional influencia no ensino e na aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Para tanto, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, feita sobre livros e artigos produzidos sobre a inteligência com análise documental realizada a partir de documentos considerados cientificamente autênticos, neste caso foi utilizado como fonte a Base Nacional Curricular Comum – BNCC. No decorrer do estudo percebe-se que trabalhar a inteligência emocional com os alunos é importante, pois ajuda no desenvolvimento da autonomia, na busca de estratégias eficazes na construção do conhecimento, ajuda no reconhecimento e aceitação de suas limitações e do outro e, conseqüentemente, desenvolve a empatia, o que é primordial para a interação social e o cooperativismo, que juntos trazem bons resultados, tanto cognitivos, quanto emocionais. Apesar da relevância do tema, percebe-se que a inteligência emocional ainda é pouco difundida, carecendo de mais estudos e pesquisas.

Palavras-chave: Inteligência emocional; Compreensão das emoções; Ensino/aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O termo inteligência emocional foi aplicado pela primeira vez em documentos científicos no ano de 1966, em artigo do psicólogo americano Hanskare Leuner. Porém, sua concepção só foi aprofundada em 1989, primeiro pelo psiquiatra infantil Stanley Greenspan e, posteriormente, em 1990, pelos psicólogos Peter Salovey e John Mayer. (ROBERTS; FLORES; NASCIMENTO, 2002).

Segundo esses autores,

os seres humanos se distinguiriam num certo tipo de inteligência social que estaria vinculada ao conhecimento das próprias emoções (capacidade para descrever, expressar ou comunicar os próprios sentimentos), ao controle das emoções (reter as emoções, porém sem

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA; 2021-1

² Mestre em Linguística Aplicada. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

reprimi-las e canalizá-las conforme a situação e o momento mais oportuno), ao reconhecimento das emoções alheias (sensibilidade aos sinais não verbais das outras pessoas) e ao controle das relações sociais (eficácia interpessoal). (ROBERTS; FLORES; NASCIMENTO, 2002, p.78)

A partir do século XIX, o crescimento no interesse em descobrir mais a respeito da inteligência teve um aumento significativo, surgindo assim algumas correntes teóricas. Um grupo de autores caracterizou a inteligência “como uma capacidade geral de compreensão e raciocínio, enquanto outros a descreveram como envolvendo diversas capacidades mentais relativamente independentes umas das outras.” (WOYCIEKOSKI; HUTZ. 2009. p. 2).

Siqueira et al. (1999 apud WOYCIEKOSKI; HUTZ 2009, p. 2-3), afirmam que

Uma das primeiras tentativas de ampliar o conceito de inteligência para além de capacidades intelectuais gerais (usualmente relacionadas a competências acadêmicas) foi conduzida por iniciativa de Thorndike (1936). Ele propôs a Inteligência Social (IS), como a capacidade de perceber os estados emocionais próprios e alheios, motivos e comportamentos, além da capacidade de agir com base nestas informações de forma ótima. Sobretudo, a IS refletiria a habilidade de decodificar informações oriundas do contexto social e de desenvolver estratégias comportamentais eficazes com vistas a objetivos sociais. (SIQUEIRA et al., 1999 apud WOYCIEKOSKI; HUTZ 2009, p. 2-3)

Apesar de ser um tema relevante, visto que o ser humano é movido por suas emoções e sentimentos, desde os primeiros dias até a fase adulta, a inteligência emocional ainda é pouco difundida e ainda não possui a abrangência de uma disciplina tradicional da matriz curricular dos cursos de formação e atualização de docentes. Considera-se que a inteligência emocional é uma habilidade indispensável para docentes e discentes, visto que o saber gerir as emoções remete-nos para o domínio das competências emocionais, que ao serem trabalhadas e desenvolvidas permitirão em todo o contexto escolar um ambiente mais saudável e rico em aprendizagens. (VALENTE; MONTEIRO, 2016 p. 4).

Nesse sentido o estudo, de cunho bibliográfico, analisa a importância que a inteligência emocional exerce no processo de ensino e aprendizagem da criança, definindo e compreendendo como ela se caracteriza; explicando a necessidade de a criança aprender a lidar com as próprias emoções e identificando a forma com que a

inteligência emocional influencia no ensino e na aprendizagem dentro e fora da sala de aula.

1. **Caracterizando a inteligência emocional**

A Inteligência emocional (IE), embora seja objeto de estudo de pesquisadores há um bom tempo, ganhou notoriedade a partir de 1995, ano em que Daniel Goleman popularizou o termo por meio da publicação de seu *best seller* “Inteligência Emocional”. Apesar de não ter introduzido o conceito de IE, Daniel Goleman é o grande responsável por popularizá-lo, segundo ele, a inteligência emocional é a capacidade de identificar os próprios sentimentos e de outras pessoas, sendo possível haver motivação e gestão das emoções próprias e nos relacionamentos que são desenvolvidos na vida. Desde então, este termo vem se destacando e tomando espaço nas discussões promovidas tanto por profissionais da educação, quanto por psicólogos e gestores.

Em consequência dessa popularização da IE, motivada por Goleman, os proponentes da mesma, Salovey e Mayer (1990) a redefiniram, em 1997 como sendo:

a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual. (MAYER; SALOVEY, 1997 apud WOYCIEKOSKI; HUTZ, 2009, p. 3).

Em outras palavras, o termo inteligência emocional refere-se à capacidade de um indivíduo de identificar suas emoções e a dos outros e, ao mesmo tempo, saber como administrar, auto regular e expressar seus sentimentos. Outra denominação utilizada é inteligência social, pois ao lidar bem com as emoções as pessoas conseguem se relacionar melhor em sociedade e estabelecer vínculos afetivos mais positivos. (WOYCIEKOSKI; HUTZ, 2009, p. 2-3).

Nesse sentido, estabelece-se a ideia de que a IE é um fator extremamente importante para o desenvolvimento pessoal e intelectual, visto que é considerada uma das formas de inteligência tão importante quanto a Inteligência Acadêmica (capacidade cognitiva ou Quociente de Inteligência - QI) que por muito tempo foi reconhecida como forma de avaliar e qualificar a evolução de um indivíduo. (GOLEMAN, 1996).

De acordo com Goleman, Howard Gardner, um dos pioneiros a estudar sobre diversos tipos de inteligência, foi quem deu início às discussões sobre a possibilidade de haver diferentes tipos de inteligência que não o QI, quando escreveu sobre inteligências múltiplas na década de 1980 (GOLEMAN, 2012). Segundo ele, Gardner parte do pressuposto de que “para uma inteligência ser reconhecida como um conjunto distinto de capacidades tem de haver um conjunto singular de áreas cerebrais subjacentes que governem e regulem essa inteligência”. (GOLEMAN, 2012. p. 9-10).

Em suas pesquisas Goleman (2012) reafirma o que foi dito em 1996, no seu livro *Inteligência Emocional*, asseverando que a IE é um tema significativo quando se refere ao desenvolvimento de habilidades que envolvam o reconhecimento e o uso das emoções como instrumento de autoconsciência e autogestão, visto que tais habilidades promovem o desenvolvimento de uma consciência social, favorecem a gestão de relacionamentos e, conseqüentemente, impactam de forma positiva tanto as pessoas quanto ambiente em que se encontram.

Woyciekoski e Hutz (2009) explicitam que as emoções são o fator responsável pelo comportamento das pessoas em suas relações no ambiente externo, quer seja em sua manutenção ou na interrupção. Sendo assim,

a emoção corresponderia a uma reação psicobiológica complexa, que envolveria inteligência e motivação, impulso para ação, além de aspectos sociais e da personalidade, que acompanhados de mudanças fisiológicas, expressariam um acontecimento significativo para o bem-estar subjetivo do sujeito no seu encontro com o ambiente. (WOYCIEKOSKI; HUTZ, 2009. p. 3).

Com isso, pode-se afirmar que as emoções exercem um papel importante para uma adaptação social de saudável, haja vista que naturalmente os seres humanos tendem a ter um comportamento de sociabilização, atraindo seus pares com afinidades e objetivos em comum. Logo, a dificuldade em dominar as próprias emoções prejudicaria esta capacidade natural, ocasionando falta de adequação e dificuldades em manter um comportamento inteligente mediante circunstâncias adversas.

Como dito anteriormente, a disseminação do termo *Inteligência Emocional* promovida a partir de 1995 por Daniel Goleman promoveu, por parte dos autores que inicialmente conceituaram o termo, uma preocupação a qual os impulsionou revisar e

esclarecer o conceito inicialmente proposto. (ANDRADE NETA; GARCÍA; GARGALLO, 2008). Logo,

na revisão conceitual, Mayer e Salovey (2007) procuraram focalizar a IE como um conjunto de aptidões, capacidades ou habilidades mentais, aproximando-a mais do campo de estudos da inteligência. A IE passa a ser definida, mais precisamente, em termos de quatro grupos de habilidades. (ANDRADE NETA; GARCÍA; GARGALLO, 2008, p. 13)

Segundo Andrade Neta, García e Gargallo (2008), os grupos de habilidades que passaram a definir a IE são:

- A percepção e identificação emocional, a qual se se referem à habilidade para perceber e identificar as emoções próprias e alheias, incluindo na voz das pessoas, nas obras de arte, na música, nas histórias;
- A facilitação emocional, que envolve a habilidade para usar as emoções para facilitar os processos cognitivos (na solução de problemas, tomada de decisões, relações interpessoais);
- Compreensão da emoção, que implica em conhecer os termos relacionados com as emoções e as formas como estas se combinam, progridem e mudam.

Percebe-se, pois, que a importância da IE ultrapassa o conceito de capacidade de um indivíduo de identificar suas emoções e a dos outros, visto que ao lidar bem com as emoções no cotidiano as pessoas conseguem se relacionar melhor em sociedade e, conseqüentemente, construir vínculos afetivos estáveis e benéficos.

Atualmente, a IE excedeu de longe aquelas expectativas, comprovando ser um poderoso modelo para a educação na forma de aprendizado social/emocional, e é reconhecido como um ingrediente fundamental de liderança destacada, assim como um agente ativo para uma vida plena. (GOLEMAN, 2012 p. 6)

Portanto, ao analisar a importância que a inteligência emocional exerce na vida das pessoas, é possível afirmar que em todas as etapas da vida pode-se adquiri-la, entretanto, quanto mais cedo se der este processo, mais proveitoso será o desenvolvimento pessoal e profissional.

2. Necessidade de a criança aprender a lidar com as próprias emoções

A IE é algo realmente importante para o desenvolvimento das crianças visto que se refere à habilidade ou competência de uma pessoa em compreender seus sentimentos e os dos outros. Por competência entende-se uma característica individual ou um conjunto de aptidões que conduzem a realizações mais eficazes (GOLEMAN, 1996).

Pode-se considerar que a infância é um período ideal para trabalhar a IE, pois desenvolvendo essas habilidades desde cedo tendem a se tornar naturais e, conseqüentemente, criando adultos mais resilientes, seguros, empáticos, autônomos e bem-sucedidos, tanto na vida pessoal quanto profissional. Assim, pessoas com IE bem trabalhada são capazes de construir melhores laços afetivos e relacionamentos mais saudáveis e felizes. (AMARAL, 2015)

De acordo com Alves (2006 apud AMARAL, 2015, p. 31)

o conhecimento emocional infantil caracteriza-se pelo desenvolvimento da capacidade da criança reconhecer e compreender de forma correta os seus sinais emocionais, no sentido de aprender a geri-los de forma eficaz. Este autor aponta o conhecimento emocional como fundamental para o desenvolvimento, permitindo que a criança responda de forma ajustada às diversas situações do dia-a-dia, compreendendo e gerindo as suas próprias emoções.

A compreensão das emoções pode ser considerada como um alicerce para a inteligência emocional, visto que o desenvolvimento infantil é entendido de uma melhor forma quando se é considerada a inteligência emocional como parte dessa evolução. (FRANCO; SANTOS, 2015).

Nessa perspectiva considera-se que “1) a emoção torna o pensamento mais inteligente; 2) a inteligência cognitiva auxilia o indivíduo a pensar as suas emoções e as dos outros; 3) a ausência dessa relação binomial torna o indivíduo emocional e socialmente incapaz” (MAYER & SALOVEY, 1997 apud FRANCO; SANTOS, 2015. p.339).

Assim, como o desenvolvimento físico, o desenvolvimento emocional é parte da evolução do ser humano, que desde o nascimento é submetido a uma série de situações que estimulam o crescimento e o fortalecimento de diferentes emoções com as quais ele precisará aprender a lidar. Entretanto, as situações vivenciadas, pelas crianças, nem sempre são conforme suas vontades, gostos e /ou preferencias e é nesse momento que a habilidade de reconhecer e controlar as emoções deve ser adquirida. Da mesma forma, saber ouvir um não, aprender a lidar com limites e frustrações, controlar impulsos

e colocar-se no lugar do outro são algumas das situações características da infância que exigem inteligência emocional, e por meio das quais se pode estimulá-las (AMARAL, 2015)

Nesse sentido, a inteligência emocional nas crianças envolve aspectos do relacionamento interpessoal, autonomia e autoestima, devendo dessa forma ser trabalhada no dia a dia por meio de uma educação socioemocional. Com isso, pode-se afirmar que a participação dos pais é fundamental, tanto na construção do vínculo afetivo quanto no exemplo que dão com o próprio comportamento. (AMARAL, 2015)

Com o avanço dos estudos, percebeu-se que a interação social é parte fundamental para desenvolvimento das crianças, em conformidade com Franco e Santos (2015). Observa-se que, “as crianças precisam aprender que sob certas circunstâncias elas ficam com raiva (ou medo, ou tristes, etc.), e quais são essas circunstâncias; como se sente cada emoção por dentro; como se expressa por fora, e que rótulo lhe dar, a fim de falar sobre isso” (FRANCO; SANTOS, 2015, p.340).

Como Delgado et al (2008) apontam, entende-se que,

Por meio dessa habilidade, a criança pode ter uma interação mais adequada e ajustada aos contextos sociais, tendo a possibilidade de comunicar estados emocionais próprios e de saber o que acontece aos outros, requisitos chaves nos processos de regulação emocional e social (DELGADO; CONTRERAS, 2008; SCHAFFER, 2004 apud FRANCO; SANTOS, 2015. p.340).

Logo, proporcionar às crianças uma educação em que seja possível aprender, conviver e trabalhar em diferentes ambientes é um caminho acertado que preparará o aluno de forma completa, desenvolvendo as habilidades necessárias para que o mesmo se sinta seguro com a possibilidade de errar e/ou encontrar situações que poderão dar resultados negativos.

3. A inteligência emocional na escola e seus desdobramentos

É sabido que atualmente as crianças passam grande parte do dia no ambiente escolar. Com jornada de trabalho cada vez maior, muitos pais acabam confiando à escola e, conseqüentemente, aos professores a tarefa de educar e ensinar simultaneamente seus alunos. Com isso,

A escola, ao favorecer a sociabilidade fora do meio familiar da criança, torna-se o pilar principal para a aprendizagem. A escola, ao oferecer as condições necessárias para que o aluno progrida, suas experiências de inter-relação com o outro se internalizarão, possibilitando um desenvolvimento positivo que se pode obter ao fazer os percursos do ir e vir das convivências, apropriando-se das experiências humanas, por meio do próprio viver. (LEITE, 2019, p. 607)

Conforme a autora supracitada, a escola exerce um papel que vai além de transmitir conhecimentos e ensinar as disciplinas tradicionais do currículo. Na posição de alicerce emocional, a instituição adquire a função de levar a criança ao autoconhecimento e a desenvolver a interação com o ambiente e com seus pares. (LEITE, 2019).

Em consonância com essa ideia, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) indica que todas as escolas brasileiras deverão incluir em seus currículos as habilidades socioemocionais. Como explica Detlinger (2019), as novas diretrizes da BNCC trazem dez competências, e cinco delas são socioemocionais. A expectativa é que com as novas diretrizes a prática cresça a passos largos, o que pode melhorar em cerca de 10% no aprendizado das outras matérias do currículo escolar. (DETLINGER, 2019, online).

Valente e Monteiro (2016), afirmam que

O currículo escolar dita que até ao ensino secundário os alunos aprendem disciplinas essenciais para a vida adulta. Mas, a par da Matemática, das Ciências e do Português há outro conjunto de aptidões que desempenham um papel importante no futuro de qualquer pessoa: o desenvolvimento da inteligência emocional, que pode ajudar alunos a obterem melhores resultados escolares assim como professores a terem uma melhor prática docente. (VALENTE; MONTEIRO, 2016 p. 2).

Diante dessa realidade, nota-se que o papel do professor dentro de sala de aula vai muito além da docência em si, principalmente na educação básica. Os docentes, em sua grande maioria, são vistos como exemplos a serem seguidos (muitas vezes sem ter a intenção) diante dos alunos, com relação a atitudes, posicionamento, sentimentos e emoções. (VALENTE; MONTEIRO, 2016)

Nesse contexto, entende-se que

A atividade docente enquanto processo relacional requer dos professores uma grande capacidade de relacionamento interpessoal e, identicamente, uma gestão eficaz das suas próprias emoções e das dos outros. Desta feita, o desenvolvimento da inteligência emocional e da capacidade de regulação dos professores representa, cada vez mais, uma componente

crucial para a melhoria das relações interpessoais e profissionais dos mesmos. (VALENTE; MONTEIRO, 2016 p. 1).

Ao se abordar o desenvolvimento da habilidade de gerir e identificar as emoções, é fundamental destacar a importância de se trabalhar tanto com os professores quanto com os alunos, visto que no ambiente escolar, discentes e docentes mantem uma relação próxima e contínua em que ensinam e aprendem em conjunto, ou seja, o professor como mediador e o aluno como autor de seu aprendizado. Com isso, não resta dúvidas de que

A sala de aula é o ambiente propício para o cultivo do ensino das emoções e os professores emocionalmente inteligentes serão incumbidos de formar educar os discentes nas devidas competências no sentido do autoconhecimento e de suas próprias emoções expressando seus sentimentos de forma equilibrada em relação aos outros como estratégia de sucesso intelectual e emocional. Identificar caminhos e estratégias para desenvolver boas habilidades interpessoais, também visto como habilidades eficazes na construção de relações especiais. (LEITE, 2019. p. 611)

Sendo assim, a inteligência emocional pode ser compreendida como instrumento relevante para o desenvolvimento das pessoas em todas as faixas etárias, entretanto, desenvolver tal habilidade nas crianças em sala de aula é fundamental. Em entrevista, Victor Friary, psicólogo e mestre em terapia cognitivo-comportamental afirma que “a criança deve se sentir segura com a ideia de errar e encontrar situações que vão dar resultados negativos” (DETLINGER, 2019, online). Portanto,

Aprender a reconhecer as próprias emoções de modo saudável auxiliará os alunos a se responsabilizarem por suas capacidades emocionais ao manter um olhar vigilante, crítico e lúcido sobre si e sobre os outros na dupla faceta de reconhecimento, dos valores e das limitações buscando um equilíbrio entre razão e emoção. (LEITE, 2019. p. 610-611).

Sob o mesmo ponto de vista Detlinger (2019) cita Vera Melis, pedagoga, mestre em educação pela Universidade de Houston em que ela explica que “é vital para a criança viver e respeitar situações de conflitos, diversidade e autoconhecimento. Dessa forma, ela aprende a estabelecer objetivos, trabalhar colaborativamente e tomar decisões autônomas com responsabilidade” (DETLINGER, 2019, online).

Nesse sentido, Leite (2019, p. 608) constata que,

A inteligência emocional é característica primordial em uma pessoa. Possui-la significa favorecer as relações com os outros e consigo mesma, possibilitando a aprendizagem, a resolução de conflitos e o bem-estar

pessoal e social. Formada por um bloco de competências, são associadas à capacidade de conduzir de forma equilibrada as próprias emoções e, também as dos outros. (LEITE, 2019. p. 608)

Assim sendo, pode-se reafirmar que a inteligência emocional é uma habilidade indispensável para docentes e discentes, visto que o saber gerir as emoções remete-nos para o domínio das competências emocionais, que ao serem trabalhadas e desenvolvidas permitirão em todo o contexto escolar um ambiente mais saudável e rico em aprendizagens. (VALENTE; MONTEIRO, 2016).

Em suma, pode-se afirmar que o indivíduo que consegue desenvolver a inteligência emocional, alcança sucesso nas áreas pessoais e profissionais, e em se tratando de professores e alunos, o ensino e a aprendizagem tornam-se eficazes e prazerosos quando as emoções são identificadas, controladas e utilizadas na medida certa, auxiliando na tomada de decisões coerentes com a situação vivenciada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os estudos realizados, pode-se considerar que a infância é o período ideal para trabalhar a inteligência emocional, já que ao desenvolver essa habilidade desde cedo as pessoas tendem a se tornar adultos mais resilientes, seguros, empáticos, autônomos e bem-sucedidos em sua vida pessoal, pois um indivíduo que consegue controlar suas emoções também consegue desenvolver melhor sua inteligência, e conseqüentemente uma melhora perceptível nos aspectos cognitivos do aprendizado escolar, já que os alunos conseguem lidar melhor com frustrações e/ou dificuldades de aprendizagem.

Ao analisar a importância que a inteligência emocional exerce no processo de ensino e aprendizagem da criança, percebe-se o quão relevante é trabalhar esta habilidade com os alunos, pois os mesmos desenvolvem autonomia para buscar estratégias eficazes na construção do conhecimento, reconhecendo não apenas suas limitações, mas aceitando-as e conseqüentemente desenvolvendo a empatia, o que é primordial para a interação social e o cooperativismo, que juntos trazem bons resultados tanto cognitivos quanto emocionais.

Compreende-se que o professor assume um importante papel nesta fase, pois é também por meio da sua mediação que os alunos aprendem a reconhecer as próprias

limitações e como elas interferem nas relações com outras pessoas, compreendendo assim que há a necessidade de haver respeito pelo próximo. Consequentemente, o ambiente de educação torna-se um local seguro, forte e emocionalmente saudável possibilitando assim formar cidadãos melhores e conscientes de suas atitudes na sociedade atual.

Apesar de ser um tema relevante, visto que o ser humano é movido por suas emoções e sentimentos, desde os primeiros dias até a fase adulta, percebe-se que a inteligência emocional ainda é pouco difundida, carecendo de mais estudos e pesquisas, entretanto a inclusão de habilidades socioemocionais no currículo de todas as escolas brasileiras (por meio da BNCC) representa um avanço para que essa habilidade seja difundida no meio acadêmico e, conseqüentemente, trabalhada nas escolas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE NETA, Nair Floresta. GARCÍA, Emilio García. GARGALLO, Isabel Santos. **A inteligência emocional no âmbito acadêmico: Uma aproximação teórica e empírica.** 2008. Disponível em: <<http://www.uesc.br/cursos/graduacao/licenciatura/letras/nair2.pdf>> Acesso em 09 fev. 2021.

AMARAL, Sandra Cristina Machado. II Competências emocionais. In: _____. **Promovendo a regulação emocional em crianças do 1.º ciclo do Ensino Básico: um programa de competências emocionais e sociais.** 2015. 161 p.. (Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, especialidade em Contextos Educativos). Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2014. p. 29-42. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/3358> Acesso em: 01 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em 20 abr. 2021.

DETLINGER, Jennifer. Inteligência emocional: por que é importante seu filho aprender a lidar com os sentimentos. **Revista Pais & Filhos** 11º Seminário, 2019. Disponível em: <<https://paisefilhos.uol.com.br/crianca/inteligencia-emocional-por-que-e-importante-seu-filho-aprender-a-lidar-com-os-sentimentos/>> Acesso em 01 nov. 2020.

FRANCO, Maria da Glória Salazar d' Eça Costa; SANTOS, Natalie Nobrega. Desenvolvimento da Compreensão Emocional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Jul-Set 2015, Vol. 31 n. 3, pp. 339-348 Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n3/1806-3446-ptp-31-03-00339.pdf>> Acesso em: 01 nov. 2020.

GOLEMAN, Daniel. Introdução; A inteligência emocional é um conjunto distinto de capacidades? In: _____. **O cérebro e a inteligência emocional**: novas perspectivas. Tradução de Carlos Leite da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 6-14.

_____. **Inteligência emocional**. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 1996.

LEITE, Rosa Domingues. O papel da escola na apropriação da Inteligência emocional. **Revista Científica Educ@ção** v.3. n.5. maio/2019. p. 605-621. Disponível em: Acesso em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/63497818/7-605-62120200601-112378-4gh1y2.pdf?1591063978=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DREVISTA_CIENTIFICA_EDUC_at_CAO_O_PAPEL_D.pdf&Expires=1606776847&Signature=PEKscynkszA3flt~h7hq4lwx6P-1KSL4LFkHxOUXCmUbr4~zKzjCo7oVPKMEpd7uUMhTfiQ3ahFI6L2VrzsTap9~KG0px-BclRTqLBExx6dSmef4dfTJertUnuZqLroyAvGt3JxzkUXm4DqQY63KaGfQowjjhruhTY~Fh34PVJbo4Wt7QAXhmODhhyGJKIX0ijNUbsMFGCGP~Oyc2MXHwY6K4pIB4N408EWZsYqjN03gtwaE-8KiKHRyA72mFMCPBrfDnFuctAo0v0jaHfFMAQ18plf2NFkJJtwnZs3aW3FBEOgwMeuRZ-uvlY5Z6FV20JDTLRKx-Ems3VsNeEjoYw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA Acesso em: 01 nov. 2020.

ROBERTS, Richard D.; FLORES, Carmen E. Mendoza; NASCIMENTO Elizabeth do. **Inteligência emocional**: um construto científico? *Paidéia*, 2002, 12(23), 77-92. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n23/06>> Acesso em: 04 set.2020.

VALENTE, Maria Nunes; MONTEIRO, Ana Paula. Inteligência Emocional em Contexto Escolar. **Revista Eletrônica de Educação e Psicologia** edupsi.utad.pt Volume 7, 2016, pp. 1-11 ISSN 2183-3990. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/315037489_Inteligencia_Emocional_em_Contexto_Escolar> Acesso em: 01 out. 2020.

WOYCIEKOSKI, Carla. HUTZ, Claudio Simon. **Inteligência Emocional**: Teoria, Pesquisa, Medida, Aplicações e Controvérsias. 2009. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/prc/v22n1/02.pdf>> Acesso em: 04 set. 2020.